

O acolhimento de migrantes sírios pela Igreja Católica no Rio de Janeiro

The welcoming of syrian migrants by the Catholic Church in Rio de Janeiro

*Alinne Ferreira da Silva**

Recebido: 31/07/18
Aprovado: 30/09/18

Os primeiros registros da imigração síria no país vão aparecer no final do século XIX, durante os anos de 1870 e 1880, considerado o fluxo dos imigrantes “turcos”, como eram registrados todos os estrangeiros de nacionalidade árabe, como os sírios e libaneses. Segundo Truzzi (2001a, 296), diversos fatores internos e externos tiveram influência nestas primeiras correntes migratórias, tais como a expansão do Império Turco Otomano na região, ocasionando perseguições religiosas – motivo pelo qual o caráter cristão dos imigrantes foi predominante na época – e os conflitos da Primeira Grande Guerra.

Os sírios que se estabeleceram no Brasil, em sua maioria homens, jovens e agricultores que decidiram migrar por conta própria e com o apoio da família, sem subsídios estatais, encontraram no comércio a principal oportunidade de trabalho (TRUZZI, 2001b, 113). A mascateação, ainda de acordo com Truzzi (2001b, 113), como atividade comercial predominante dos imigrantes e principal fonte de renda dos mesmos, foi um dos elementos que proporcionou a sua integração no país. Eles, através do trabalho ambulante de porta em porta

* Graduanda em Ciências Sociais pela UFRRJ e bolsista PIBIC/CNPq.

acompanhado dos armarinhos que levavam consigo, vendiam suas mercadorias e conquistavam a clientela no decorrer dos longos caminhos que faziam (FRANCISCO, 2005, 29).

No Rio de Janeiro o comércio ambulante, que gradativamente foi se tornando fator de ascensão financeira para os imigrantes, conquistou o espaço com lojas e estabelecimentos fixos no centro da cidade, mais especificadamente onde fica a atual SAARA (Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega), fundada na década de 1960 pelos próprios imigrantes e seus descendentes, reunindo as diferentes etnias árabes que consolidaram seus comércios na região (RIBEIRO, 2000, 27).

Os primeiros grupos imigrantes chegavam com a perspectiva de retorno à terra natal, pois tinham *a priori* o intuito de melhorar sua situação financeira, remetendo dinheiro para a família que tinha permanecido na Síria (TRUZZI, 2001a, 297). Da mesma forma, o contato que havia na época entre aqueles que migraram e os que permaneceram, foi instrumento para que acontecessem os casamentos arranjados entre as famílias – tanto da do rapaz que emigrou quanto da mulher que ainda não tinha saído da terra natal. Os casamentos eram realizados e a mulher emigrava junto com o marido de volta para o Brasil e as famílias sírias, então, começavam a se constituir no novo país (AB’SABER, 2001, 31).

Embora não tenha sido uma corrente migratória muito numerosa, se comparada aos fluxos europeus, os sírios e os libaneses, segundo Ab’Sáber (2001, 29), tiveram excepcional destaque financeiro nos setores comerciais e industriais nas principais cidades do país. A relevância econômica do imigrante sírio libanês nas grandes cidades do país ganhou espaço pelos trabalhos comerciais, industriais e pelas atividades no mercado de capitais, representando um papel importante nos interesses e nas relações comerciais no Brasil e na América Latina (BUCHABQUI, 2011, 44). Ainda de acordo com Buchabqui (2011, 44), foi o imigrante árabe que trouxe novas técnicas para a indústria de algodão, lã e seda, dominando 50% do mercado têxtil de 1930 até o fim da 2ª Guerra Mundial, quando os alemães e os japoneses entraram na indústria com os fios sintéticos.

Outro fluxo de imigrantes sírios e libaneses se deu em meados do século XX, devido as consequências da 2ª Guerra Mundial, da Independência do Líbano em 1943 e também na década de 1970, época em que Guerra Civil se desenrolou no Líbano, em que os fatores principais que levaram a alta emigração foram a falta de perspectiva econômica e intensidade dos conflitos, atentados e bombardeios (SCOFIELD, 2011, 42). Foi o momento em que o Brasil se tornou destino devido a comunidade árabe ter criado suas raízes no país, com os imigrantes que derivaram da geração passada e dos descendentes que já es-

tavam habituados na sociedade brasileira. De acordo com Scofield (2011, 42), os muçulmanos sunitas e xiitas começaram a se tornar os principais grupos imigrantes na época.

Para a melhor compreensão, no entanto, dos grupos que circulam nos fluxos, deve se entender as distinções existentes entre os próprios principalmente no âmbito religioso, visto o caráter cristão e muçulmano que as correntes migratórias abrangem. Segundo Abreu (2011, 89) o primeiro grupo, representado pelas vertentes ortodoxa, católica e maronita, segue uma prática ecumênica no cotidiano do praticante, adotando muitas vezes o catolicismo como religião ou se casando com brasileiras católicas. Quanto aos muçulmanos, são representados pelas vertentes islâmicas, como os sunitas, xiitas e, em minoria, os drusos, que participam mais da prática islâmica, envolvendo o calendário islâmico, as festas, rituais, jejuns, alimentação, preservando laços culturais como os casamentos endogâmicos (ABREU, 2011, 89).

A imigração mais recente, referente ao início do século XXI – mais especificadamente aos anos 2010 – tem como principal pretexto a Guerra Civil na Síria que resultou uma intensa onda emigratória no país. Atualmente, os sírios são maioria dos refugiados no Brasil, cerca de 2.771 mil de um total de 10.145 até 2017, segundo o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE). Isto acontece, entre os demais fatores, pelo fato do Brasil, com a lei de refúgio n 9.474/97 e a criação do CONARE, órgão que formula as políticas para os refugiados no país, garantir documentos básicos aos refugiados e direitos civis, criando oportunidades de começar uma vida digna com direitos garantidos, liberdade e proteção (LACERDA *et al.*, 2015, 102).

Assim, tendo como os sírios a maior nacionalidade de refugiados consolidados no país, o Brasil, de acordo com Lacerda *et al.* (2015, 110) é visto como um dos principais destinos de acolhimento desta população, apesar da distância e das diversas rotas de acesso para a Europa. As regiões com maior número de registros de refugiados ativos no país são os estados de São Paulo (52%), Rio de Janeiro (17%) e Paraná (8%). Recentemente, com a grande demanda das solicitações de refúgio dos venezuelanos, Roraima e Amazonas, junto com São Paulo, são os três estados que mais receberam pedidos segundo o CONARE¹.

Na cidade do Rio de Janeiro, a instrução do que deve e como deve ser feito, para quem chega e procura dar entrada na legalização dos documentos, acontece no primeiro momento nos aeroportos, nos postos da Polícia Federal ou

¹ Disponível em <www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/> Acesso em: 03/ago./2018.

nas Embaixadas e Consulados dos países, segundo o padre Mário Geremia² em entrevista realizada no mês de abril deste ano. Segundo o mesmo, os recém-chegados são instruídos a entrar em contato com as paróquias que recebem e auxiliam refugiados em geral ou com a Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro, que oferece assistência e acompanhamento legal dos documentos e da entrada do pedido de refúgio.

A migração, mais especificadamente relacionada a mobilidade humana forçada, é uma preocupação da Igreja, e não somente dos governos dos países e das sociedades envolvidas, como diz Geremia (2016, p. 27). Para entender, segundo o mesmo autor, “a profundidade e a importância do trabalho e da ação de acolhida, acompanhamento e assistência dos migrantes e refugiados na Igreja Católica” devemos nos voltar para o fundamento bíblico nas escrituras (GEREMIA, 2016, 27).

A migração, que deve ser vista como uma oportunidade e não um problema, abrange o migrante e o refugiado como um “lugar teológico” para a missão da Igreja Católica (GEREMIA, 2016, 32). O envolvimento das entidades religiosas na cidade do Rio de Janeiro, segundo Cooper *et al.* (2016, 56) se sobressai, principalmente, pela capacidade de atendimento, pelas redes de solidariedade e da presença de representantes nos debates sobre políticas públicas.

O migrante, segundo Zamora (1999, 181), ao se submeter a cidade grande, se lança ao outro e ao diferente, onde deve explorar as novas experiências e compensar o passado. Para a autora, a barreira a ser enfrentada é a de “afirmar-se enquanto subjetividade e alteridade, já que o migrante sempre será o Outro, o estranho no ninho imenso e hostil da cidade contemporânea” (ZAMORA, 1999, 181). É neste sentido que se compreende a importância do papel das organizações e da sociedade civil de integrar o refugiado na cidade, mantendo e respeitando sua dignidade e particularidades culturais.

O Serviço Pastoral do Migrante (SPM), que surge em 1985, criado pela Conferência Nacional Bispos do Brasil (CNBB), tem como dimensões a acolhida, escuta, assistência, acompanhamento, visitação, cuidado espiritual, construção coletiva, incidência política, social e eclesial (GEREMIA, 2016, 34). No Rio de Janeiro, o SPM se destaca tanto com as orientações para recém-chegados quanto com as articulações com as acolhidas, órgãos públicos e organizações não governamentais, com atendimento mais direcionado aos migrantes do que os refugiados, em específico.

A Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro, que desempenha suas atividades na área social através do Programa de Atendimento a Refugiados e Solicitantes

² Missionário Scalabriniano e coordenador da Pastoral da Migração na Arquidiocese do Rio de Janeiro.

de Refúgio (PARES), é, conforme afirmam Aguiar e Alves (2016, 59), um dos principais meios de atendimento aos refugiados e solicitantes de refúgio que se estabelecem na capital, buscando – de forma a garantir seus direitos – uma inserção justa desta população na sociedade brasileira:

Neste cenário, a Cáritas/RJ vem atuando de forma a articular tais políticas setorizadas em favor de um atendimento integral da população atendida, com ações pautadas na defesa dos princípios constitucionais da descentralização, participação social e intersectorialidade, ou seja, da articulação entre as políticas públicas por meio do desenvolvimento de ações conjuntas destinadas à proteção e à promoção dos sujeitos sociais (AGUIAR; ALVES, 2016, 60).

Com o ACNUR³ e o CONARE como parceiros, a Cáritas tem como principais ações o acolhimento, a proteção legal e a integração local dos refugiados e solicitantes de refúgio. A necessidade da gestão social surge pelas políticas fragmentadas que muitas vezes não dialogam dificultando a inserção da população atendida, que se depara com problemas e dificuldades quanto ao atendimento integral de suas necessidades (AGUIAR; ALVES, 2016, 60).

Segundo o padre Mário Geremia, a partir da entrevista realizada, as dificuldades daqueles que procuram refúgio se voltam para todas aquelas necessidades básicas urgentes, seguidos da documentação, escola, comunicação e a integração na sociedade. Para ele, as principais dificuldades são classificadas em cinco: moradia, alimentação, documentação, idioma e integração.

A Cáritas Rio de Janeiro, que tem uma equipe composta por advogados, assistentes sociais, psicóloga, pedagoga, auxiliares administrativos, tradutores, coordenadora e voluntários de diversas áreas, segundo relatou Fabrício Toledo⁴ em entrevista realizada em junho, encontra inúmeras demandas associadas principalmente a regularização da documentação, do preenchimento do formulário de refúgio, o desconhecimento dos direitos desta população e dificuldades da comunicação.

Na cidade do Rio de Janeiro, a paróquia São João Batista, em Botafogo, tem um trabalho fundamental quanto a acolhida, acompanhamento e alojamento aos refugiados recém-chegados, em parceria com a Cáritas, assim como o Santuário São Paulo Apóstolo em Bonsucesso, Nossa Senhora Aparecida na Ilha do Governador, Nossa Senhora de Copacabana com a acolhida aos bolivianos, Antiga Igreja da Sé com os paraguaios e a Santa Terezinha do Menino Jesus com os peruanos (GEREMIA, 2016, 34).

³ Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados.

⁴ Advogado do PARES – Cáritas/RJ.

Apesar da grande influência e presença que a Igreja Católica exerce na cidade, com a intenção de que a cultura humanitária se instaure na sociedade brasileira, permanece até então o desafio de coordenar e organizar melhor os trabalhos, como afirma Mário Geremia:

Podemos afirmar que na Arquidiocese do Rio de Janeiro existem muitos serviços, ações, atividades, espaços comunitários e, de modo geral, paróquias, comunidades e pessoas sensíveis e solidárias aos migrantes, trabalhadores do mar, do turismo e refugiados, porém ainda de forma muito fragmentada e descoordenada (GEREMIA, 2016, 35).

A importância do trabalho da acolhida, da assistência, do acompanhamento é fundamental para que ocorra uma integração e o intercâmbio entre ambas culturas que, segundo Abreu (2011, 88), se revelam em diferentes esferas na sociedade brasileira. E, ainda que as acolhidas e os acompanhamentos no Rio de Janeiro envolvam representantes cristãos e aconteçam em espaços religiosamente consolidados, isto é, por meio do PARES e da Pastoral do Migrante, o padre Mário relata que não acontecem atritos ou conflitos religiosos, e que muitas vezes o que ocorre é o diálogo inter-religioso, já que, segundo o mesmo, “quem trabalha com o imigrante tem que [...] saber contemplar o ecumenismo e o diálogo inter-religioso”.

A preocupação com a religião se manifesta como forma de preservar as origens culturais no novo território assim como a manutenção e a construção da identidade, que ocorre em vários meios, a partir da culinária e do núcleo familiar, por exemplo. No primeiro caso, como meio de preservar suas origens e tradições, a alimentação reforça costumes e hábitos da cultura árabe e se torna o registro da marca identitária de seu povo (HADJAB, 2014, 49-50). A família, por outro lado, revela sua importância para a reprodução dos laços culturais e da própria fé. Segundo Abreu (2011, 90), a família se mostra ser um núcleo fundamental para a manutenção da identidade islâmica no Brasil devido ao fato da pouca oferta de socialização e do preconceito enraizado em uma sociedade que não pratica a religião em grande escala, oposto dos imigrantes cristãos que conseguem outro tipo de adaptação e têm uma maior proximidade com o catolicismo no Brasil.

Deve ser levado em conta também que, além da acolhida das entidades religiosas e da sociedade civil em geral, redes de apoio e de solidariedade criadas pelos próprios imigrantes e seus descendentes formam um elo de ligação e de ajuda para novos migrantes, seja na sua inclusão no mercado de trabalho, empregabilidade ou na própria ocupação nos grupos (VILELA, 2011, 158). As redes sociais que se formaram na comunidade sírio libanesa foram fundamentais para as novas correntes migratórias e para a própria integração e inserção do imigrante e seus descendentes na sociedade brasileira.

Constata-se que todas e todos devem ter o direito a receber assistência humanitária, inclusive aqueles que se encontram em estado de vulnerabilidade ou em situação de refúgio. A carência de políticas públicas voltadas para as demandas e necessidades dos refugiados e solicitantes de refúgio no Brasil indicam a importância da participação das organizações da sociedade civil e das entidades religiosas no âmbito da assistência e do acolhimento aos mesmos. No Rio de Janeiro, a Pastoral do Migrante e o Programa de Atendimento dos Refugiados e Solicitantes de Refúgio da Cáritas, tem papel de destaque quanto ao atendimento e proteção desta população.

Referências bibliográficas:

- AB'SÁBER, A. N. Desenvolvimento das Relações Árabe-Brasileiras. In *Relações entre o Brasil e o Mundo Árabe: construção e perspectivas*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2001, pp. 27-54.
- ABREU, M Y. *Arabismos sírio-libaneses no português brasileiro: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Líbano*. In *Ciências & Letras*, n. 50, 2011, pp. 83-102.
- AGUIAR, A. M. T. de; ALVES, D. M. Desafios para a integração local de refugiados e solicitantes de refúgio e atuação da Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro. In *A presença do migrante no Rio de Janeiro: o olhar das instituições*. Rio de Janeiro: Associação Scalabrini a Serviço dos Migrantes, 2016.
- BUCHABQUI, J. Das civilizações à imigração libanesa: um pequeno resgate Histórico. Série: Os Sírio-libaneses, Porto Alegre: UFRGS, vol. 1, 2011.
- COOPER, C; GENOVEZ, C.; MONTINARD, M.; VIEIRA, R. Um mosaico de atuações no atendimento ao migrante: contrastes entre Rio de Janeiro e São Paulo. In: *A presença do migrante no Rio de Janeiro: o olhar das instituições*. Rio de Janeiro: Associação Scalabrini a Serviço dos Migrantes, 2016.
- FRANCISCO, J. C. B. Sírios e libaneses no Rio de Janeiro: memórias coletivas & escolhas individuais. Dissertação de mestrado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- GEREMIA, M. Ação da Igreja Católica junto aos migrantes, gentes do mar, do turismo e refugiados como enfoque no Rio de Janeiro. In: *A presença do migrante no Rio de Janeiro: o olhar das instituições*. Rio de Janeiro: Associação Scalabrini a Serviço dos Migrantes, p. 27-36, 2016.
- HADJAB, P. D. E. Alimentação, memória e identidades árabes no Brasil. Dissertação de doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília: UnB, 2014.
- LACERDA, J. M.; SILVA, A. A. S; NUNES, R. V. O caso dos refugiados sírios no Brasil e a política internacional contemporânea. *Revista de Estudos Internacionais*, vol. 6, n. 2, 2015.
- RIBEIRO, P. 'Saara' – uma paisagem singular na cidade do Rio de Janeiro (1960 –1990). Dissertação de mestrado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUC-SP, 2000.
- SCOFIELD, A. R. A. Modos de vida e integração social do imigrante: libaneses em

- Teófilo Otoni, Minas Gerais. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2011.
- TRUZZI, O. Cultura e Imigração Árabes: Influência na sociedade brasileira. In *Relações entre o Brasil e o Mundo Árabe: construção e perspectivas*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2001a, pp. 395-340.
- TRUZZI, O. O lugar certo na época certa: sírios e libaneses no Brasil e nos EUA – um enfoque comparativo. In *Estudos Históricos*, n. 27, 2001b, pp. 110-140,
- VILELA, E. M. Sírios e Libaneses Redes Sociais, coesão e posição de status. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 76, 2011, pp. 157-225.
- ZAMORA, M. H. O migrante na rede do Outro. In *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. III, n. 1, 1999, pp. 180-182